

O Canto XXVI do Purgatório de Dante: questões de interculturalidade

Maria Cecilia Casini

Departamento de Línguas Modernas, FFLCH, Usp, casini@usp.br

RESUMO

O trajeto da poesia vernacular europeia pode ser identificado, em uma síntese densa e pregnante, no canto XXVI do *Purgatório* de Dante Alighieri, comprovando-se as profundas interligações presentes na cultura medieval desde seus exórdios. Ao encontrar Guido Guinizzelli e Arnaut Daniel, Dante aponta para a trajetória poética da língua vulgar que, tendo seu início na cultura provençal, passará seu rico patrimônio para a cultura italiana, tendo seu ápice na poesia contemporânea do próprio Dante. Para, em seguida, se transferir na experiência da poesia moderna, adquirindo significados novos e profundos.

RIASSUNTO

Il percorso della poesia vernacolare in Europa può essere riconosciuto, in una sintesi densa e pregnante, nel canto XXVI del *Purgatorio* di Dante Alighieri, a comprova dei profondi legami presenti nella letteratura medievale fin dalle sue origini. L'incontro con Guido Guinizzelli e Arnaut Daniel permette a Dante di indicare la traiettoria poetica della lingua volgare che, dal suo esordio provenzale, passerà il suo ricco patrimonio alla cultura italiana, culminando nella poesia contemporanea di Dante stesso. Patrimonio che sarà poi accolto nella poesia moderna, acquisendo significati nuovi e profondi.

Palavras-chave: clássico, Antiguidade, Estudos Clássicos, Virgílio, *Eneida*.[\[RCdS1\]](#) ?????
PAROLE CHIAVE: classique, Antiquité, Etudes Classiques, Virgile, *Enéide*. ?????

A noção O conceito de interculturalidade, envolvendo âmbitos diferentes, do poético ao filosófico, do linguístico ao literário, do político ao

social, pode ser pensado como raiz e consequência de uma **acepção** produtiva do **conceito** de 'clássico', ainda atuante em nossa contemporaneidade.

A **ideia** de classicidade não é necessariamente **algo** **conceito** fixo, isento do desenvolvimento das identidades nacionais em que se forja e das transformações político-sociais que o cercam. Considerando que, além de uma **ideia** ligada à **imagem** de modelos absolutos, determinados por formas fixas, independentes do passar do tempo, existe outra **cocepção** **acepção** de clássico, que indaga como o cânon foi se construindo a partir do encontro e sobreposições, no tempo, de culturas diferentes: na Itália especialmente, dada a antiguidade e a complexidade de sua história, sua particular morfologia e a posição geográfica no cruzamento das rotas do mar Mediterrâneo, o conceito de 'clássico' já engloba a ideia de interculturalidade. O percurso histórico da cultura italiana é um exemplo disso desde as épocas mais antigas. Só para citar alguns exemplos, podemos pensar em como os modelos culturais gregos foram absorvidos e continuados por Roma, que os difundiu em todo o mundo conhecido; ou em como a escolástica e a igreja da Idade Média recuperaram e incorporaram a rica herança do mundo pagão; ou em como a poesia em língua vulgar surgida na Provença no século XI se transferiu e redesenhou na experiência da Scuola Siciliana de Federico II: inventando formas novas, como o soneto, e, logo a seguir, continuando na tradição poética da Toscana.

Desde o começo da era vulgar [\[RCdS2\]](#) [\[RCdS3\]](#) os entrelaçamentos de temas, motivos, matérias, figuras, imagens, representações, modelos, advindos de tradições culturais diferentes (latina, provençal, francesa, meridional, mediterrânea, umbro-toscana) têm se mostrado extremamente produtivos para o desenvolvimento da cultura italiana como um todo e para estabelecer padrões que foram se modificando conforme o tempo e as mudanças histórico-culturais. Na tradição historiográfica europeia, os trabalhos de nomes como Burckhardt, Curtius, Auerbach, Rohlfs, Contini, entre muitos outros, apontam para isso.

Um caso especialmente significativo para confirmar essa ideia parece-nos ser o de Dante Alighieri, cuja obra é o fruto mais alto, além do próprio gênio poético do autor, do contato entre culturas e tradições diferentes. Uma obra ímpar, extraordinária, que depois, tornada clássica, embora não sem discordâncias (sobretudo na Itália), foi lida e está sendo ressignificada, até hoje, por diferentes culturas.

Podemos focar o caso específico do canto XXVI do Purgatório. Nesse canto, Dante leva à plena maturidade a polêmica acerca da capacidade de elaboração artística de uma língua poética em vulgar (*locutio primaria*), em relação ao latim (*locutio secundaria*), conforme suas próprias reflexões contidas no *De Vulgari Eloquentia*. O encontro com Guido Guinizzelli, renovador da poesia florentina do *Stil Novo*, "il padre/mio e delli altri miei" (verso 98), e Arnaut Daniel (nascido em 1150 e morto por volta de 1210), poeta em provençal e autor de romances em francês, o "miglior fabbro del parlar materno" (verso 117), é ocasião para mais uma defesa da língua vulgar, já vista no *De Vulgari*

Eloquentia e no *Convívio*. De fato, esse episódio retoma e continua o debate iniciado por Dante com o poeta Bonaggiunta Orbicciani, no canto XXIV do Purgatório, pertencente à geração anterior daquela dos *stilnovisti*, oferecendo a Dante a ocasião para reafirmar a superioridade dos modernos com relação aos antigos e de comprovar sua apurada capacidade crítica e teórica em matéria de poesia.

Dante Alighieri, *A Divina Comédia, Purgatório*, tradução de Italo Eugenio Mauro, Editora 34, São Paulo, 1998

Versos 97-99: “quem pai entendo/ser meu e daqueles que rimas de amor/usaram”

Verso 117: “da língua pátria foi mor artesão”

Verso 84: “tendo apetite quais bestas seguindo”

Versos 91-93: “Mas posso contentar-te quanto a mim;/sou Guido Guinizzelli; aqui me adianto/por ter-me arrependido antes do fim”

Verso 99: “usaram, graça e ternura provendo”

Versos 112-114: “São só, tornei-lhe, os amenos teus ditos/que, enquanto dure esta nova feição,/caros conservarão os teus escritos”

Verso 118: “Em ternos versos, ou romance ardente”

Versos 140-147: “Tan m’abellis vostre cortes deman,/qu’ieu no me puese ni voill a vos cobrire./Ieu sui Arnaut, que plor e vau cantan;/consiro vei la passada folor, /e vei jaunsen lo jorn qu’esper, denan./Ara vos prec, per aquella valor/que vos guida al som de l’escalina,/sovenha vos a temps de ma dolor!”

Verso 148: “E se escondeu no fogo que os afina.”

No nosso entender, esse famoso episódio se presta bem para ilustrar a transferência e a ressignificação de modelos poéticos e estéticos entre várias tradições literárias, e sua continuidade ativa na tradição linguística e literária italiana, à luz dos debates teóricos sobre interculturalidade.

Estamos no sétimo círculo, o dos luxuriosos, que por não terem seguido a lei humana, “seguendo come bestie l'appetito” (verso 84), são punidos e consumidos entre chamas de fogo. Dante e Vergílio, que tinham acabado de encontrar o poeta latino Estácio (canto XXI), caminham, um atrás do outro, pelo estreito penhasco, quando uma alma entre as muitas os inquire, reparando que eles projetam sua sombra na montanha, revelando, portanto, que são vivos. Dante responde e pergunta, por sua vez, quem são esses pecadores e quem é aquela que está falando com ele. A alma revela-se: “Farotti ben di me volere scemo:/son Guido Guinizzelli, e già mi purgo/per ben dolermi prima ch'a lo stremo” (versos 91-92).

Ao reconhecer o poeta que mais do que qualquer outro mostrou-lhe como “rime d'amore usar dolci e leggiadre” (verso 99), Dante fica emocionado, fitando o poeta, *penseroso*, sem falar, por um tempo. A resposta dele, quando vem, mostra a lucidez de Dante quanto ao valor futuro dessa obra, até à

modernidade: “Li dolci detti vostri,/che, quanto durerà l'uso moderno,/faranno cari ancora i loro incostri” (versos 112-113-114).

É a essa altura que Guinizzelli, purificado pelas chamas do castigo e já isento de mesquinhos sentimentos humanos como a inveja, aponta para Dante a figura de Arnaut Daniel, “miglior fabbro del parlar materno” (verso 117) **XXX**, aquele que superou todos em fazer “versi d'amore e prose di romanzi” (verso 118), ele também está se purgando no fogo divino. Dante se aproxima, o quanto possível, da chama dentro da qual arde a alma de Arnaut, e manifesta-lhe, conforme as formas da retórica provençal, o desejo de ouvir seu nome. As palavras da resposta de Arnaut, toda composta segundo o uso da liberalidade cortês, são um dos pontos mais altos da poesia de Dante, que claramente entende dar uma amostra do efeito poético e da eficácia retórica já plenamente presentes na literatura em vulgar. Arnaut responde em provençal (na verdade, não propriamente provençal, mas uma língua que mostra a familiaridade de Dante com o provençal, usando partes de rimas também de Folchetto de Marselha), exemplo único em toda a *Comédia* de uso **amplo** **extensivo** [\[RCdS4\]](#) de uma língua vulgar que não o italiano (sem considerar o latim):

Tan m'abellis vostre cortes deman,
[\[RCdS5\]](#) qu'ieu no me puesc ni voill a vos cobrire.

Ieu sui Arnaut, que plor e vau cantan;
consiros vei la passada folor,
e vei jausen lo joi qu'esper, denan.

Ara vos prec, per aquella valor
que vos guida al som de l'escalina,
sovenha vos a temps de ma dolor!
(versos 140-147)

O belíssimo verso final do canto, “Poi si ascese nel foco che li affina” (verso 148) remete à imagem do fogo que purifica e torna mais fina, moralmente, a alma do pecador; e, ao mesmo tempo, à ideia de “fabbro” (ferreiro) da língua materna, que é o próprio Arnaut, apresentado por Guinizzelli a Dante como o maior exemplo da nobilitação da língua vulgar, sabedor dos mais perfeitos artifícios da técnica poética, que lapidou ao fogo a sua arte.

Guinizzelli segue o caminho trilhado por Arnaut: poeta (em provençal) e autor de romances (em francês), nascido em 1150 e morto por volta de 1210, aquele que, como um ferreiro (ou ourives) soube se valer de todos os recursos linguísticos e estilísticos da língua vulgar para forjar, para lapidar, uma poesia de altíssimo nível. No *De Vulgari Eloquentia*, Dante reconhece aos franceses, até àquele momento (ou seja, até ele), a capacidade de suprema elaboração artística de uma língua. Além disso, Arnaut não é somente um poeta, mas um *doctor*, um intelectual capaz de alta reflexão conceitual e metalinguística, que trabalha no

aprimoramento literário do *uso moderno* da língua. Arnaut e Guinizzelli são, portanto, os antecedentes precedentes^[RCdS6] mais importantes para a experiência de Dante, preparam seu advento, tanto como poeta quanto como teórico da língua poética.

Dante ‘aproveita’ o encontro com os dois para entrar no âmago das maiores questões literárias da época, aquelas que atravessavam a lírica de amor europeia nos últimos cem anos. Desde o encontro com Bonaggiunta, Dante prepara o encontro com Guinizzelli e Arnaut para mostrar como já se consumou a superação dos mestres da tradição poética anterior em língua vulgar: Guittone de Arezzo e Giraut de Bornelh; mas, também, os próprios Guinizzelli e Arnaut. *Da par suo*, resume toda a experiência do passado e põe um ‘ponto final’ no debate, propondo uma solução original para o dilema que opõe a satisfação do desejo à conduta regida pela razão, dilema subjacente na poesia amorosa de tradição cortês, e que põe em risco tanto a salvação celeste, quanto a manutenção da concórdia civil (intuição moderníssima de Dante: amor e política concorrem para o bem universal).

O próprio Dante tinha exercido a perigosa prática poética do amor sensual, quase violento, seguindo o exemplo de Arnaut (e aliás devotando-lhe toda sua admiração no *De Vulgari Eloquentia*) nas *rime petrose*, poesias de conteúdo e temas fortes, em que experimenta de forma orgulhosa suas qualidades técnicas. Na sextina “Così nel mio parlar voglio esser aspro” (que reproduz a métrica da canção de Arnaut, “Lo ferm voler qu’el cor m’intra”), Dante imagina se vingar da mulher amada, que não o corresponde, de forma bestial, quase sádica, com explícito aceno à violência física:

S’io avessi le belle trecce prese,
che fatte son per me scudiscio e ferza,
pigliandole anzi terza,
con esse passerei vespero e squille:
e non sarei pietoso né cortese,
anzi farei com’orso quando scherza;
e se Amor me ne sferza,
io mi vendicherei di più di mille.
Ancor ne li occhi, ond’escon le faville
che m’infiammano il cor, ch’io porto anciso,
guarderei presso e fiso,
per vendicar lo fuggir che mi face;
e poi le renderei con amor pace.
(versos 66-79)

NOTA Remeto para a tradução à versão de Haroldo de Campo, com comentário e aparato de notas, da canção *Quisera no meu canto ser tão áspero*:
“Se eu lhe apanhar as tranças uma vez/que foram para mim chibata e açoite,/ irei até de noite/a contar da hora terça, matinal;/e não serei piedoso nem

cortês/no meu brinquedo de urso; e que se afoite/Amor, e que me açoite,/mil golpes lhe reservo eu afinal./E rente seus olhos, o fanal/que abraça o coração que eu trago morto,/me fixarei absorto,/vingano-me da fuga que me faz;/até lhe desenvolver amor e paz.” (pp.54-66)

Que diferença do Dante do soneto “Tanto gentile e tanto onesta pare”, que enaltece a mulher amada transformando-a em “mulher anjo”, capaz, apenas pela própria pessoa e pelo ato do *saluto*, de redirecionar o amor carnal de que é inspiradora em amor divino! Dessa forma, aparecendo como Cristo, distribuidora da paz entre os homens, ela torna-se ativa protagonista do desenho de salvação da humanidade previsto por Deus, e, por extensão, salvando o próprio convívio social ameaçado pela ‘irracionalidade’ do amor e do desejo (de fato, é notável na *Comédia* a quantidade de mulheres ‘beatíficas’, além da própria Beatrice). Em sua glorificação no final do *Paraíso*, Beatrice aparece definitivamente *angelicata*, com todos seus atrativos – a beleza, a sensualidade, o amor - voltados na **no sentido certo** justa **direção**: Deus. Nessa ótica, o amor é visto como instrumento de salvação; e não de perda, morte, destruição, física e moral, como foi para Francesca, *donna* ainda pertencente à tradição do amor cortês, no canto V do *Inferno*. Nesse sentido, Dante tem consciência de ter superado Arnaut e toda a tradição poética anterior, e mesmo contemporânea (a ideia do Amor destruidor de Guido Cavalcanti).

Guinizelli e Arnaut, sequazes de uma doutrina do Amor da qual emana uma poesia conotada pela sensualidade e pela carga potencialmente destrutiva, são também pecadores que se purificam no canto XXVI do Purgatório para ter acesso a Deus. Mas Dante também, como eles, se purga, literariamente, dos resíduos terrenos presentes em sua poesia antes da *Divina Comédia*, apontando para outra direção doutrinária, que encerra e supera a anterior, fazendo tesouro, ao mesmo tempo, de sua alta **lição** **licção**[\[RCdS7\]](#) literária.

Ao mesmo tempo, Dante restitui à poesia seu espaço de valor ‘social’, reduzido por Arnaut em prol da expressão mais ‘natural’ dos sentimentos (de amor; e de destruição, também). A poesia cortês é ‘agida[\[RCdS8\]](#)’ na frente dos outros, na corte, dentro de uma lógica que prevê também o amor adúltero. Pressupõe a corte e toda a normatização nela imbuída: justamente, a forma da sociedade cortês. Arnaut, priorizando o relacionamento pessoal com a mulher, mesmo que passando pelo compartilhamento de valores formais codificados, valoriza, modernamente, o eu e a relação individual entre amantes, desvinculada de deveres sociais. Não casualmente, a palavra-chave de sua poesia é *joi*, “prazer”. Ao reconhecer a vocação mundana e intrinsecamente não espiritual dessa tradição, ao passo em que reconhece o refinamento e o seu alto valor poético, Dante aponta sua polêmica para todo um modelo cultural, não mais cômsona aos tempos e aos valores da mensagem de salvação universal do ser cristão.

Afastados os perigos da carne, o amor para Dante torna-se espaço de reflexão moral, filosófica, teológica, doutrinária, em que, segundo São Tomás leitor de Aristóteles, a alma segue seu caminho ‘natural’ de atração a Deus, só almejando se reunir a Ele. Retomando e levando conceitualmente mais adiante o exemplo de Arnaut, a poesia para Dante identifica um diferente espaço de ação: o espaço da representação social das relações interpessoais (amor/amizade), próprio da poesia cortês, muda para o espaço do eu e da subjetividade, empenhada em aprofundar sua relação com Deus. Mas isso deve se dar na interação recíproca, política, social, universal (‘católica’) entre os homens, ampliando as fronteiras da corte para o espaço do mundo. Assim, a poesia se desenvolve e amadurece como instrumento para o aprofundamento ético e psicológico, do indivíduo; civil e moral, do cidadão.

Ao apontar o caminho que, de Arnaut e dos provençais, chega a Guinizzelli e ao *Stil Novo*, passando pela experiência da Scuola siciliana e da ‘geração de meio’, Dante lucidamente identifica o percurso intelectual dos debates transculturais europeus da Idade Média até o atual momento, ou seja, até o próprio Dante. Em particular, põe em destaque dois pontos principais: a língua do *uso moderno* para tratar do amor: o vulgar (*volgare*); o conceito ‘ideológico’ do amor. Como ele faz isso? Inserindo-se na continuidade histórica dessa tradição poética, e marcando ao mesmo tempo sua posição de intelectual e pensador original, e não de mero executor de versos, mesmo que grandíssimo[\[RCDs9\]](#).

Essa questão, na verdade, está presente em toda a obra de Dante. Mas no canto XXVI do *Purgatório* chega ao ponto máximo de maturidade conceitual e de tensão poética. Assim, Dante abre o caminho para o universalismo cosmopolita de Petrarca, o maior dos clássicos modernos, e para o desenvolvimento da poesia moderna.

BIBLIOGRAFIA[\[RCDs10\]](#):

- Dante Alighieri, *Divina Commedia* (org. de Daniela Mattalia), BUR, 1975
Dante Alighieri, *De Vulgari Eloquentia* (org. de Miko Tavoni), Mondadori, 2017
Dante Alighieri, *Vita Nuova*, Feltrinelli, 2010
Dante Alighieri, *Tutte le opere*, Newton, 2005
Italo Calvino, *Perché leggere i classici*, em *Saggi 1945-1985*, Mondadori, 1995
Luciano Canfora, *Noi e gli antichi*, Rizzoli, 2002
Andrea Cappellano, *De Amore*, SE, 2002
Haroldo de Campos, *Pedra e Luz na Poesia de Dante*, Imago, 1998
Costanzo Di Girolamo, *I Trovatori*, Bollati Boringheri, 2002
Ugo Dotti, *Il Dolce Stil Novo*, Nuoca Accademia, 1963
Noemi Ghetti, *Il fantasma di Cavalcanti in Dante*, L’Asino d’oro, 2010
Giovanni Macchia, *La letteratura francese del Medioevo*, PBE, 1973
Giorgio Petrocchi, *Il Purgatorio di Dante*, BUR, 1978

Giulio Ferroni, *Profilo storico della letteratura italiana*, Einaudi, 1992
Marco Santagata, *Amate e amanti*, Il Mulino, 1999
Marco Santagata, *L'io e il mondo*, Il Mulino, 2011
Michelangelo Picone, *"Vita nuova" e tradizione romanza*, 1979
Salvatore Settis, *Futuro del "classico"*, Einaudi, 2004
Eduardo Sterzi, *Por que ler Dante*, Globo, 2005
Silvia Tatti, *Classico: storia di una parola*, Carocci, 2015